

Projeto Pós-doutorado

Título

Ariadne e o novo labirinto: a interpretação do pensamento político moderno para o pós-guerra por Hannah Arendt

Pesquisador responsável/Supervisor

Prof. Dr. Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros

Candidato

Adriana Carvalho Novaes

Instituição Sede

FFLCH-USP

Resumo

Após a publicação de **Origens do totalitarismo**, em 1951, Hannah Arendt ganha projeção no meio intelectual e passa a ser convidada para ministrar cursos. Um dos primeiros foi “História da Teoria Política”, na Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1955, e já aponta para a reinterpretção do pensamento político que a autora iria empreender nas duas décadas seguintes, e que se fundamenta na possível reconciliação da filosofia com a política a partir de uma reconsideração da relação entre a política e a era moderna. Este projeto de pesquisa tem como objetivo esclarecer a interpretação que Hannah Arendt faz dos autores estudados nesse curso na medida em que serve ao entendimento de sua compreensão do período moderno que repete preconceitos/falácias da tradição, mas também abre caminho para a atualização e criação de princípios. Ou seja, trata-se de elucidar o modo pelo qual o estudo dos dez autores no curso indicado – Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Baruch de Espinoza, John Locke, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Alexis de Tocqueville, Georg W. F. Hegel e Karl Marx – apontou impedimentos e abriu chaves de compreensão para a reavaliação da política a partir do contexto da segunda metade do século XX. Esses impedimentos e essas possibilidades aventadas nas referências, críticas e apropriações dos conceitos desses autores por Arendt ao longo de toda sua obra, serão indicados e interpretados.

Palavras-chave: filosofia política, pensamento político moderno, Hannah Arendt

Title

Ariadne and the new labyrinth: the interpretation of modern political thinking to post-war by Hannah Arendt

Responsible researcher/Supervisor

Prof. Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros, PhD

Applicant

Adriana Carvalho Novaes

Institution

FFLCH-USP

Abstract

After the publication of the **Origins of Totalitarianism**, in 1951, Hannah Arendt gained a projection in the intellectual environment and was invited to courses. One of the first of them was "History of Political Theory," at the University of California, Berkeley, in 1955. The course already points to the reinterpretation of political thought that the author would undertake in the next two decades, and which is based on the possible reconciliation of philosophy with politics from a reconsideration of the relationship between politics and the modern era. This research project aims to clarify the interpretation that Hannah Arendt makes of the authors studied in this course insofar it serves to grasp her understanding of the modern period that repeats prejudices / fallacies of tradition, but also opens the way for the updating and creation of meanings. That is, how the study of the ten authors - Nicolas Machiavelli, Thomas Hobbes, Baruch de Espinoza, John Locke, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Alexis de Tocqueville, Georg W. F. Hegel and Karl Marx - indicated obstacles and opened understanding of the political context from the second half of the twentieth century. These obstacles and possibilities offered in the references, criticisms and appropriations of the concepts of these authors by Arendt throughout his work will be indicated and interpreted.

Keywords: political philosophy, modern political thought, Hannah Arendt

Enunciado do problema

Hannah Arendt faz uma avaliação dos efeitos da era moderna como impedimentos e também possibilidades para distinguir significados e princípios, projeto que culmina na definição das atividades do espírito em sua obra inacabada **A vida do espírito**. Para recuperar a importância do significado atribuído pela faculdade do pensamento e estender as exigências da vida do espírito ao contato com o mundo das aparências – aos particulares – pela identificação e elucidação das faculdades de querer e julgar, Arendt recorre ao método criado a partir de seu esforço para compreender os fatos desafiadores e destruidores das referências da tradição e que, portanto, exigiam o reexame, a reconsideração do que poderia ser construído a partir de fragmentos que ainda existiam. Buscar na história as experiências que haviam criado nosso entendimento do mundo, elucidar os descaminhos e enganos de interpretações e resgatar sentidos de acordo com a premência dos desafios impostos pelo contexto foi repetidamente o método utilizado por Arendt para pensar. Esse caminho foi feito diversas vezes e pode ser compreendido como o grande “tema” de Arendt, pelo qual também tratou do desmantelamento da metafísica, portanto, da filosofia, como deixa claro no final do curso “The History of the Will”, ministrado na New School, em 1971:

All three thinkers [Nietzsche, Heidegger, Bergson], whom we have dealt with here in the last section of our course, set it as their main task, not to destroy (only Nietzsche wanted to destroy), but to *dismantle* metaphysics and philosophy with all its categories, as we have known it from the pre-Socratics to today. This dismantling was possible only after the past, or rather the tradition of the past, had lost its authority. The dismantling process does not destroy the past, it only draws the consequences of this loss, which is a fact, and it destroys the continuity of the past which consisted in its being down in its own consistency. [...] What you then are being left with is still the past, but a fragmented past. [...] In a sense, it is with such fragments from the past, coral and pearls, after their sea-change, that we have dealt here. If you should go on in this path of dismantling, be careful that you do not lose the precious, the “rich and strange”, which probably can be saved only as fragments. Just as the glory that was Greece is saved only in a fragmentary form and still is not in ruins.

Essa metáfora da pérola, do recolhimento ou preservação de algo valioso que se fragmentou, já foi evocada por muitos que interpretaram e estudaram Arendt. Mas chamo a atenção para o método e para o alvo: trata-se de fragmentos da filosofia, da metafísica, que, para Arendt, devem ainda servir de referência, depurados de desvios e falácias, para os princípios dos quais a vida política tanto precisa. O movimento, a ação dos humanos, a experiência, a política, portanto, têm questões filosóficas genuínas e é a tradição filosófica que pode, ao ser revista, reinterpretada, apontar respostas.

Ao tratar da teoria política moderna e contemporânea, escolhendo dez autores no curso ministrado na Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1955, Arendt empreende esse exame dos possíveis erros e potencialidades de suas obras. Na Introdução, já enuncia as palavras-chave de cada um. Maquiavel: o estado e a fundação do corpo político; Hobbes: não o poder, mas o processo do poder. Espinoza: liberdade de pensamento no sentido de liberdade de filosofia, não de liberdade de opinião. Locke: a mistura do trabalho humano com as coisas, o problema do mundo. Montesquieu: a questão “O que inspira a ação e faz o corpo político se mover?” Rousseau: a experiência central é a Sociedade e sua faculdade decisiva é a Vontade. Kant: o homem como um ser político é o legislador, que está fora do corpo político. E legislar é ato contínuo. Tocqueville foi o primeiro a saber que as velhas categorias não serviam mais. Compreendeu que a igualdade nunca havia sido realizada e não entende em que ela consiste. Viu-a como a mera relação social entre homens, não como uma nova hierarquia. Apenas Marx entendeu isso. Hegel: no lugar de uma nova ciência política, é uma nova filosofia da história que parece resolver o velho conflito entre Política e Filosofia: o Absoluto é revelado no *pragmata ton anthropon*. Marx: a palavra-chave é labor.¹

Todos eles, segundo Arendt, tinham a clareza de que o fio da tradição havia se rompido e se depararam, finalmente, com a questão de fundo de toda filosofia e de toda teoria política: Quem é o homem? (Who is man?)². A resposta a essa questão, no entanto, sempre teve como cenário a surpresa dos modernos diante da força dos acontecimentos. Como escreveria alguns anos mais tarde, a maioria dos modernos se assustou com os assuntos humanos, a ação, a liberdade, o que levou também ao que chamou orgia de pensamento especulativo que se seguiu “à liberação kantiana da necessidade da razão de pensar além da capacidade cognitiva do intelecto, os jogos que os idealistas alemães fizeram com os conceitos personificados e as

¹ The Hannah Arendt Papers at The Library of Congress, Subject File, Courses, University of California, Berkeley, Calif., “History of Political Theory”, lectures, Introduction, 1955, images 8-12.

² Ibidem, image 16

alegações feitas para a validade científica – algo que muito se distancia da ‘crítica’ de Kant” (ARENDDT, 2009, p. 466).

Os resultados das especulações dos idealistas se assemelham aos dos materialistas, segundo Arendt, ao preencherem a mesma função emocional: “acalmar” o homem ao negar sua autonomia, sua vontade livre, ou seja, sua liberdade. Trata-se da exclusão engenhosa do homem e de suas faculdades em favor de conceitos personificados. As falácias que cumprem sua função na forma desses conceitos, do que Arendt toma de Nietzsche, uma “ponte arco-íris de conceitos”, ou seja, um caminho “mágico” de volta a explicações apaziguadoras porque referentes a um mundo morto (ARENDDT, 2009, p. 424), ou de concepções materialistas totalizantes ao tomar o mundo interligado pela tecnologia como um “Cérebro Gigante”, têm sua origem na ideia de Humanidade e na noção de progresso, concepção central da era moderna.

Essa tentativa de encontrar um lugar “confortável”, forçada pelo contexto das transformações do século XVII, levou a ideais de um arranjo seguro que, recalcitrante, vai se repetir na “mão invisível”, de Adam Smith, no “ardil da natureza”, de Kant, na “astúcia da Razão”, de Hegel e no “materialismo dialético”, de Marx, como indica Arendt (2009, p. 420). Esses descompassos não permitiram que uma autêntica nova teoria política aparecesse, restando, o que não é menos importante, os impedimentos mesmos como indicativos do que seria necessário para dar novo estatuto às questões políticas.

As interpretações de Arendt no curso de Berkeley, de 1955, após o reconhecimento recebido pelo livro **Origens do totalitarismo**, são de fundamental importância para compreender seu diagnóstico da modernidade e a perspectiva metodológica de sua trajetória. Dos anos 1950 ao final dos anos 1960 e início dos anos 1970, é possível identificar uma coerência de tentativa de resgate das questões filosóficas genuínas que legitimam o pensamento político. Em carta à Fundação Rockefeller, de 31 de março de 1969, na qual solicita auxílio para se dedicar à escrita da obra que viria a ser **A vida do espírito**, Arendt explica a ligação deste projeto com *A condição humana*, o vínculo que gostaria de completar entre *vita activa* e *vita contemplativa*, entre a política e os processos do espírito: “Meu projeto é como segue: analisar, descrever e retratar historicamente as três atividades do espírito que na minha opinião são constitutivas de todas as ações políticas: pensar, querer, julgar.”³

³ Hannah Arendt Papers, Correspondence File, Organizations, 1943-1976, Rockefeller Foundation, 1960-1969, images 80 and 81. A carta e minha tradução estão em minha tese de doutorado como “Anexo”. O original não está disponível pela internet.

A preparação para completar a abordagem da ligação entre política e espírito se deu nos cursos de Arendt nas Universidades de Chicago e New School sobre as proposições morais de Sócrates a Nietzsche, a **Crítica do Juízo**, de Kant, o que é filosofia política e a atitude do filósofo no âmbito das relações humanas de Parmênides a Hegel e Marx, como explica Arendt na mesma carta. Nesses grandes arcos teóricos, as abordagens, no sentido de seu projeto, abarcam uma compreensão prévia da História da Teoria Política, interpretações retomadas nessa nova perspectiva. O exame dessa trajetória no projeto e metodologia de Arendt – que pode iluminar o modo como lemos sua obra hoje no Brasil – é o propósito desta pesquisa.

Resultados esperados

Hannah Arendt foi uma pensadora política que nos legou problemas e desafios pertinentes, desde a questão da origem do mal à consideração de fundamentos no âmbito mutável da política, a assunção de seu caráter fenomênico, apesar do choque com a tradição das formas imutáveis e da contemplação na filosofia. Sua contribuição está no valor inequívoco dos princípios da pluralidade e da natalidade que abarcam a imprevisibilidade dos assuntos humanos, meios de relação entre filosofia e política na medida em que a potencialidade do espírito é resgatada e implicada no mundo das aparências.

Pensar as relações entre modernidade e política e filosofia e política, os problemas e as possibilidades decorrentes dessas comparações feitas por Arendt, contribui para o debate sobre como compreendemos a política no atual cenário de desafios à democracia e à estabilidade das formas de representação.

Meios e métodos

Leitura e análise dos doze documentos referentes a aulas ministradas por Hannah Arendt na Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1955, sendo oito deles do curso “History of Political Theory”: “Introduction”, “Transition to Modern Age”, “Thomas Hobbes”, “John Locke”, “Niccolò Machiavelli”, “Charles de Secondat, baron de Montesquieu”, “Jean-Jacques Rousseau” e “Alexis de Tocqueville”; três seminários, dois intitulados “Ideologies” e um sobre

Espinoza; e um curso sobre a teoria política de Kant. Análise da retomada e reinterpretação desses autores na obra da autora.

Todos os documentos de Arendt, como se sabe, estão reunidos numa Coleção especial da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, *The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress*. Grande parte do material digitalizado está atualmente disponível para consultas. Os documentos indicados acima estão disponíveis.

Disseminação e avaliação

Os resultados das etapas do trabalho serão comunicados e debatidos em participação constante nas atividades do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: em grupos de pesquisa e eventos como seminários, congressos e colóquios pertinentes, de acordo com as orientações do professor supervisor do projeto.

Bibliografia

The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress

(Arquivo digitalizado de toda a obra de Hannah Arendt parcialmente disponível no endereço:

<http://memory.loc.gov/ammem/arendthtml/arendthome.html>)

Cursos ministrados na Universidade da Califórnia, Berkeley, 1955:

1. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Introduction---1955
2. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Hobbes, Thomas---1955
3. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Locke, John---1955
4. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Machiavelli, Niccolò---1955
5. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Montesquieu, Charles de Secondat, baron de---1955
6. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Rousseau, Jean-Jacques---1955
7. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Tocqueville, Alexis de, and Karl Marx, and conclusion---1955

8. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Transition to Modern Age---1955
9. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---Ideologies, seminar---1955 (1 of 2 folders)
10. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---Ideologies, seminar---1955 (2 of 2 folders)
11. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"Political Theory of Kant"---1955
12. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---Spinoza, Benedictus de, seminar---(also given at the University of Chicago, Chicago, Ill.)---1955, 1965

Bibliografia do curso "History of Political Theory"⁴

Textbook: G.H. Sabine, *A History of Political Theory*, 1950.

1. MACHIAVELLI, The Prince and the Discourses (Modern Library)
 - F.M. Watkins, The State as Concept of political science (In: *Studies in Political Science and Comparative Government*, 1934) chapter 1.
 - Leonardo Olschki, Machiavelli, the Scientist. (Berkeley 1945)
 - F. Meinecke, Die Idee der Staatsrason, chapter 1 & 2.
2. Hobbes, Leviathan, (ed. Oskeshott, Blackwell's)
 - Leo Strauss, Hobbes' Political Philosophy, 1936
 - Raymond Polin, Politique et Philosophie chez Thomas Hobbes (Paris, 1953)
3. Spinoza, Writings on Political Philosophy (ed. Balz, Appleton-Century, Philosophy Source Books, 1937, or in Dover Publications ed. 1951, tr. R.M.Elwes): Political Treatise (entire); Theological-Political Treatise, Preface & chapters 15, 16, 19, 20.
 - Introduction by John Wild to Spinoza Selections (Modern Students Library, Scribner 1930)
 - Leo Strauss, Die Religionskritik Spinozas, 1930, chapters C and E.
 - A.Wolfson, Spinoza, a life of Reason, (Modern Classics) 1932
4. Locke, Two Treatises of Civil Government (Everyman's Library), Second Treatise.
 - J.W.Gough, Locke's Political Philosophy, 1950.
5. Montesquieu, The Spirit of the Laws, ed. Hafner, Library of Classics, Introduction by Franz Neumann, 1949.
 - Albert Sobral, Montesquieu, Chicago, 1892.
 - A.J. Grant, "Montesquieu" in Hearnshaw, Social and Political Ideas of Some Great French Thinkers of the Age of Reason.
6. Rousseau, The Social Contract and Discourses (Everyman's Library)
 - Ernst Cassirer, The Question of Jean Jacques Rousseau, Columbia University Press, 1954.
 - E.H. Wright, The Meaning of Rousseau, 1929, chapters 1 & 3
 - Ch.W. Hendel, Jean Jacques Rousseau Moraliste, Vol. II, chapters 19 & 20.

⁴ The Hannah Arendt Papers at The Library of Congress. Subject File. Courses---University of California, Berkeley, Calif.---"History of Political Theory," lectures---Introduction---1955 (Series: Subject File, 1949-1975, n.d.), images 1, 2. Grafia e destaques de acordo com o original datilografado.

7. Kant, Moral and Political Writings (Modern Library): V, VI, VII, XI, XII.
Carl J. Friedrich, Inevitable Peace, Harvard University Press, 1948.
8. Tocqueville, Democracy in America. (Paper Edition: Vintage Books)
James Bryce, Studies in History and Jurisprudence, 1901, ch. 6.
J. Peter Mayer, Prophet of the Mass-Age, London 1939.
9. Hegel, The Philosophy of Hegel (Modern Library): The Philosophy of History & Philosophy of Right and Law.
M. B. Foster, Political Philosophies of Plato and Hegel, Oxford, 1935.
K. Loewith, Von Hegel zu Nietzsche, chapters 1 & 5 of Part I.
Sidney Hook, From Hegel to Marx, 1950.
Martin Heidegger, "Hegels Begriff der Erfahrung" in Holzwege, 1950.
10. Karl Marx, Capital (Modern Library, Giants) or Marx and Engels, Select works in Two Volumes, 1950: Vol I: Wage Labour and Capital, Vol. II (entire).
Isaiah Berlin, Karl Marx. (The Home University Library. Oxford Press, 1948).
Herbert Marcuse, Reason and Revolution, Part II.
K. Loewith, Von Hegel zu Nietzsche, Part II, chapters 1 & 2.
Simone Weil, La condition ouvriere. (Paris, Gallimard, 1951)

Obras de Hannah Arendt

- ARENDDT, Hannah. **Love and Saint Augustine**. Chicago: University of Chicago Press, 1996.
- _____. **Rahel Varnhagen: The Life of a Jewess**. Complete ed., Ed. Liliane Weissberg. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.
- _____. **The Origins of Totalitarianism**. Rev. ed. New York: Schocken, 2004.
- _____. **The Human Condition**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- _____. **Between Past and Future: eight exercises in political thought**. Nova York: Penguin, 2006.
- _____. **Eichmann in Jerusalem: a report on the banality of evil**. Nova York: Viking Press, 1965.
- _____. **On Revolution**. New York: Penguin, 1990.
- _____. **Men in Dark Times**. Nova York: Harvest Book, 1968.
- _____. **Crisis of the Republic**. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
- _____. **The Life of the Mind**. 2v. Ed. Mary McCarthy. Nova York: Harcourt, 1978.
- _____. **Juger: Sur la philosophie politique de Kant**. Paris: Éditions du Seuil, 1991, p. 231.
- _____. **Lectures on Kant's Political Philosophy**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- _____. **Journal de pensée (1950-1973)**. Paris: Seuil, 2005.
- _____. **Essays in Understanding, 1930-1954**. Ed. Jerome Kohn. New York: Schocken, 2005.

- _____. **Responsibility and Judgment**. Ed. Jerome Kohn. New York: Schocken, 2003.
- _____. **The Jewish Writings**. Ed. Jerome Kohn and Ron H. Feldman. New York: Schocken, 2007.
- _____. **Reflections on literature and culture**. Ed. Susannah Young-ah Gottlieb. Stanford, CA: Stanford University Press, 2007.
- _____. **The Promise of Politics**. Ed. Jerome Kohn. New York: Schocken, 2005.
- _____. **A dignidade da política: ensaios e conferências**. Tradução Helena Martins e outros. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- _____. **Sobre a violência**. Tradução André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. **Entre o passado e o futuro**. 4.ed. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997a.
- _____. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997b.
- _____. **O que é política?** Tradução Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **Crises da República**. Tradução José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- _____. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- _____. **A promessa da política**. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2008.
- _____. **A vida do espírito**. Tradução Cesar Augusto de Almeida e outros. Rio de Janeiro: 2009.
- _____. **A condição humana**. 11.ed. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Sobre a revolução**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Escritos judaicos**. Organização Jerome Kohn e Ron H. Feldman. Tradução Laura Degaspere Monte Mascaro, Luciana Garcia de Oliveira e Thiago Dias da Silva. Barueri, SP: Amarylly, 2016.
- Hannah Arendt/Karl Jaspers Correspondence, 1926-1969**. Ed. Lotte Kohler and Hans Saner: New York: Harcourt, 1993.
- Between Friends: The Correspondence of Hannah Arendt and Mary McCarthy, 1949-1975**. Ed. Carol Brightman. New York: Harcourt, Brace, 1995.
- Within Four Walls: The Correspondence Between Hannah Arendt and Heinrich Blücher, 1936-1968**. Ed. Lotte Kohler. New York: Harcourt, 1996.
- Hannah Arendt / Martin Heidegger. Letters, 1925-1975**. Ed. Ursula Ludz. New York: Harcourt, 2004.

Intérpretes/Comentadores

ALLEN, Amy. (Ed.) **Hannah Arendt**. Burlington, VT: Ashgate, 2008. (International Library of Essays in the History of Social and Political Thought)

- ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. **Alienações do mundo**: uma interpretação da obra de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.
- AMIEL, Anne. **Hannah Arendt**: política e acontecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- _____. **A não-filosofia de Hannah Arendt**: revolução e julgamento. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- ASCHHEIM, Steven E. (Ed.) **Hannah Arendt in Jerusalem**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2001.
- ASSY, Bethania. **Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt**. São Paulo: Perspectiva; Instituto Norberto Bobbio, 2015.
- BEINER, Ronald; NEDELSKY, Jennifer. (Ed.) **Judgment, Imagination, and Politics**: Themes from Kant and Arendt. Maryland: Rowman & Littlefield, 2001.
- BENHABIB, Seyla. (Ed.) **Politics in Dark Times**: Encounters with Hannah Arendt. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. **The Reluctant Modernism of Hannah Arendt**. New York: Rowman & Littlefield, 2000.
- _____. **Situating the self**: Gender, Community and Postmodernism in Contemporary Ethics. Cambridge, UK: Polity Press; Blackwell, 1992.
- BERNSTEIN, Richard J. **Hannah Arendt and the Jewish Question**. Cambridge: Polity Press, 1996.
- _____. Pensar sem apoios. Jan.-jun. 2016. **Cadernos de Filosofia Alemã**. p. 183-189. Entrevista concedida a Adriana Novaes.
- BETZ HULL, Margaret. **The hidden philosophy of Hannah Arendt**. New York: Routledge, 2002.
- BREA, Gerson; NASCIMENTO, Paulo; MILOVIC, Miroslav. (Orgs.) **Filosofia ou Política?** Diálogos com Hannah Arendt. São Paulo: Annablume, 2010.
- CALOZ-TSCHOPP, Marie-Claire. **Lire Hannah Arendt aujourd'hui**: pouvoir, guerre, pensée, jugement politique. Paris: L'Harmattan, 2008.
- CANOVAN, Margaret. **Hannah Arendt**: a reinterpretation of her political thought. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CHAVES, Rosângela. **A capacidade de julgar**: um diálogo com Hannah Arendt. Goiânia: Ed. da UCG, Cãnone Editorial, 2009.
- CORREIA, Adriano.(Org.) **Transpondo o abismo**: Hannah Arendt entre a filosofia e a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- COURTINE-DÉNAMY, Sylvie. **Hannah Arendt**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- _____. **O cuidado com o mundo**: diálogo de Hannah Arendt com alguns de seus contemporâneos. Tradução Maria Juliana Gambogi Teixeira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- D'ENTRÈVES, Maurizio Passerin. **The political philosophy of Hannah Arendt**. New York: Routledge, 1994.
- DISCH, Lisa Jane. **Hannah Arendt and the limits of philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1996.
- DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura**: política e filosofia em Hannah Arendt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FORTI, Simona. **Vida del espíritu y tempo de la polis**: Hannah Arendt entre filosofia y política. Tradução Irene Romera Pintor y Miguel Ángel Veja Cernuda. Madrid: Ed. Cátedra, 2001.

FRATESCHI, Yara. Democracia, direito e poder comunicativo: Arendt contra Marx. **Revista Dois Pontos**, Curitiba, São Carlos, vol. 7, n. 4, p. 163-188, setembro 2010.

HILL, Melvyn A. **Hannah Arendt: The Recovery of the Public World**. New York: St. Martin's Press, 1979.

JARDIM, Eduardo. **Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

KING, Richard H. **Arendt and America**. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2015.

LAFER, Celso. **A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **Hannah Arendt. Pensamento, persuasão e poder**. 2.ed.rev.amp. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MAY, Larry; KOHN, Jerome. (Ed.) **Hannah Arendt: twenty years later**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1997.

MORAES, Eduardo Jardim de; BIGNOTTO, Newton. (Orgs.) **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MÜNSTER, Arno. **Hannah Arendt. Contre Marx?** Paris: Hermann, 2008.

NIHAN, Céline Ehrwein. **Hannah Arendt: une pensée de la crise**. La politique aux prises avec la morale et la religion. Genève: Labor et Fides, 2011.

POIZAT, Jean-Claude. **Hannah Arendt: une introduction**. Paris: Pocket, 2003.

ROBIN, Corey. The Arendt Wars Continue: Richard Wolin v. Seyla Benhabib. Oct 1, 2014. Disponível

VILLA, Dana (Ed.) **The Cambridge Companion to Hannah Arendt**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. **Hannah Arendt: For Love of the world**. 2.ed. New Haven: Yale University Press, 2004.

Referências (autores estudados)

ESPINOZA, Baruch de. **Tratado Político**. Tradução Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

_____. **Tratado Teológico-político**. 3.ed. Tradução Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

HEGEL, G.W.F. **Princípios da Filosofia do Direito**. Tradução Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOBBS, Thomas. **Leviathan**. New York: Penguin, 1981.

KANT, Immanuel. **Kant: Political Writings**. Ed. Hans Reiss. New York: Cambridge University Press, 1991.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo civil**. Lisboa: Edições 70, 2006.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **O príncipe**. 4.ed. Tradução Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Civilização Brasileira, 2009 (5 volumes)

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. **O espírito das leis**. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **De l'Esprit de lois**. Paris: Gallimard, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Penguin Classics, 2011.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução Maria Ermantina Galvão e Jacques Roger. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A Democracia na América**. Livro I - Leis e Costumes. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A Democracia na América**. Sentimentos e Opiniões. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Democracy in America** and Two Essays on America. Translated by Gerald E. Bevan. NY: Penguin, 2003.